

PROFISSÃO DOCÊNCIA, UMA OPÇÃO OU UM CHAMADO?

Roberto Antunes Cardoso

INTRODUÇÃO

Este artigo irá procurar descrever a importância de se pensar na profissão docência. Entendendo o ser humano como um “ser aprendente”, definindo o que é educação, seus objetivos e trabalhando o profissional docente, especialmente o do ensino superior, e ainda procurando definir a verdadeira finalidade da escola, vamos refletir sobre o que leva uma pessoa a procurar atuar nesta área profissional. Seria uma opção, ou falta de opção, apenas como mercado de trabalho? Ou seria algo que vem como um “chamado”? E aqui entendemos como chamado o gosto pelo que se faz, indo além do sustento financeiro e buscando ser um profissional que faz a diferença. Diferença esta, tanto no meio onde trabalha como na vida do seu aluno. Dentro da perspectiva reformada da “fé explícita” e da “graça comum”, iremos ver a contribuição da Academia de Genebra criada por João Calvino, a sua influência na criação de universidades. Concluímos apontando o que pode ser mudado na educação vigente em nosso país para melhoria atingindo assim a escola em todos os níveis.

O SER HUMANO COMO UM “SER APRENDENTE”.

É importante começarmos definindo o ser humano como um ser que, desde seus primeiros momentos de vida, tem a necessidade de aprender; se comportar, se humanizar. Segundo Assmann e Sung¹, os seres humanos nascem seres inacabados que colocados em contato com o meio, num processo de contínuo aprendizado para a manutenção da vida.

Os mais variados conhecimentos se tornam necessários neste processo de aprendizado. Garcia ao definir aprendizagem afirma:

a aprendizagem é entendida como alterações comportamentais mais ou menos permanentes, alterações que não podem ser creditadas a processos de maturação fisiológica, a fadiga ou a adaptação sensorial,

¹ “Nós não nascemos prontos e o fato de nascermos prematuros, exigindo um útero externo acolhedor, marcou toda a nossa evolução, principalmente a do cérebro”. – ASSMANN, H., & SUNG, J. M. (2000). *Competência e Sensibilidade Solidária: Educar para esperança*. Petrópolis: Vozes Ltda. 2000. p.213

mas sim a alguma experiência anterior e que são devidas a modificações a nível de sistema nervoso central [...] importa-nos considerar a aprendizagem como um todo, um processo contínuo de transformação e que determina uma orientação, intelectual e prático, definida pela história de vida de cada qual, uma especialização mesmo, e alguns interesses específicos.²

Apesar da aprendizagem de técnicas ser essencial para a manutenção da vida humana, ficar restrito somente a esse tipo de conhecimento não deixaria espaço para a humanização do ser humano. O ser humano, ciente de sua finitude, é capaz de trabalhar, criar, construir e também, em paralelo, sonhar, desejar e transcender.

No jogo constante de suas respostas, o ser humano altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. [...] A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade [...] é naturalmente crítica, por isso reflexiva e não reflexa [...] Ademais é o homem, e somente ele, capaz de transcender. A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude.³

A aquisição do conhecimento dos dados culturais específicos para a sobrevivência já ocorre dentro da relação diária do ser humano com o meio ambiente, sendo assim, a educação consiste em potencializar os conhecimentos já adquiridos pela pessoa em contato com o seu meio ambiente. Para Garcia, “aprender significa o aprimoramento de algo menos perfeito que já existia no organismo e não criar algo do nada, fazer surgir uma habilidade qualquer do vazio, da ausência”.⁴

Chegar à conclusão que educação faz parte da manutenção da vida é falar sobre uma educação para a solidariedade, ou seja, um modelo de educação que, sem romper com a importância de transmitir informações necessárias para o aprendizado para preservação da vida, leve as pessoas a compreensão de que vivem numa relação de interdependência, portanto numa relação de solidariedade. Sendo assim, vemos uma necessidade de um processo educacional que gere nos indivíduos um sentido de vida que seja ético e leve as pessoas a praticarem a solidariedade.

² GARCIA, Francisco Luiz. *Introdução Crítica ao Conhecimento*. Ed. Papyrus, Campinas. 1988. 1ª edição. p. 18

³ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 48

⁴ GARCIA, Francisco Luiz. Op. Cit. p. 43

Quando definimos o ser humano como alguém um ser “aprendente” afirmamos que trata-se de alguém que busca o conhecimento que lhe falta, gerando assim a necessidade de alguém que o ensine, o professor. É o que Antônio Nóvoa afirma ao dizer: “*quando falamos de aprendizagens, fala-se, inevitavelmente de professores*”.⁵ E de um lugar onde ele possa adquirir estes conhecimentos, a escola (Universidade).

DEFININDO EDUCAÇÃO

A educação é um conceito genérico, mais amplo, que supõe o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja da sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social.⁶

Este tem sido um conceito de educação quase que universalmente aceito; ou seja, a educação, pelo menos em tese, visa também desenvolver o caráter do ser humano. Devemos ver a educação como um processo de desenvolvimento do ser humano. Por “processo” entendemos uma ação progressiva que ocorre através de uma série de atos e eventos que produzem mudanças, e não importa se são rápidas ou lentas, desde que conduza a um progresso, a uma melhora.

EDUCAÇÃO DEVE OCORRER RELACIONALMENTE.

Shulman ao escrever o seu artigo intitulado: “*Aprendizado da docência, algumas considerações*”, quando fala sobre o paradigma perdido, afirma que a pergunta central da pesquisa do programa “processo - produto” era: Como os comportamentos dos professores se relacionavam com as variações dos desempenhos dos alunos?

Uma educação informal é aquela realizada sem intencionalidade, ou seja, por meio de experiência cotidiana, sem currículo ou plano de aula. Frequentemente, o exemplo de um professor relacional é mais educacional do que os conteúdos que ele ensina, pois seus alunos podem aprender mais conteúdos valiosos em decorrência da observação de suas atitudes e de seu comportamento do que em consequência de sua aula.

Um exemplo desta educação informal pode ser visto quando pais frequentemente, procuram educar seus filhos, e em grande parte das vezes tentam fazê-lo através do ensino

⁵ NÓVOA, Antônio. *Conferência: Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade da Aprendizagem ao longo da vida*. Lisboa. 2007.

⁶ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Ed. Moderna. 1989. p.49

(via de regra, verbal). Porém, as atitudes e o comportamento dos pais podem ensinar a aprendizagem e compreensão, sem que os pais tenham a intenção de que seus filhos aprendam alguma coisa em decorrência da maneira pela qual se comportam.

OS OBJETIVOS PRÁTICOS DA EDUCAÇÃO

Quando falamos de objetivos educacionais, temos em mente certo desempenho esperado daqueles que ensinamos. Dito em outras palavras, onde queremos chegar? O que desejamos que nossos alunos sejam no futuro como fruto de nosso ensino?

Do conceito à prática

Para responder a esta questão, formulamos nossos objetivos em termos comportamentais considerando a já conhecida tríade expressa nos três aspectos humanos: CONHECER-SER-FAZER.

Conhecer

Este aspecto intelectual ou cognitivo, se refere a como as pessoas reconhecem as coisas e pensam sobre elas. Precisamos trabalhar para o crescimento intelectual (cognitivo) de nossos alunos. Precisamos ensiná-los a pensar, conhecer e refletir nos conceitos (categorias) do aprendizado.

Conhecer é ter o alicerce sobre o qual se erguerá o edifício. Sem um bom alicerce, o edifício será frágil.

Fazer

É tarefa da Educação, deve ser ajudar as pessoas a pensarem corretamente sobre o que estão aprendendo. Esta é uma excelência educacional que devemos almejar alcançar. Devemos ter como objetivo promover uma educação que leve ao aprendizado prático da verdade conhecida.

Ser

Afirmamos que o conhecer não pode estar divorciado do fazer. Para uma educação eficaz é imprescindível educar o aluno a ser. Nosso desejo e desafio é conduzir as pessoas à maturidade, e esta é produto de uma experiência prática com o que se aprende. Faço (fazer), não apenas porque sei (conhecer), mas porque sou (ser) assim.

Estes são os conceitos de educação que devem ser seguidos desde a educação básica para que, quando o aluno atingir o curso superior, graduação, já esteja pronto para sua formação específica.

Uma vez definido que o ser humano é um ser aprendente e a definição de educação, vamos agora trabalhar o profissional docente, o professor. Iremos trabalhar o docente no ensino superior.

PROFISSÃO DOCENTE

Ao investigar a docência no ensino superior, podemos perceber que esta profissão passa por uma série de desafios. Pimenta; Anastasiou (2002)⁷, estudando as exigências atuais da profissão de docência no ensino superior consideram que esta profissão supõe um certo privilégio social. É característico, neste nível de ensino, que a docência seja exercida por profissionais que possuam outra formação e atuação profissional. “A pedagogia universitária no Brasil é exercida por professores que não têm uma identidade única. Suas características são extremamente complexas [...]” (FRANCO, 2001, p. 31)⁸.

Mas o que é ser professor universitário? Quais são as condições do exercício profissional? Consideramos como exigência desta profissão o ensino e a pesquisa. Contudo, a formação que possui é caracterizada por um processo individual e autodidata, pois não existe uma formação específica como professor universitário, ele é quase que o único responsável pela construção de sua formação. E, é com base nessa realidade que, iniciativas como formação contínua ou em serviço têm sido tomadas.

A tarefa de ensinar implica não só em domínio pedagógico ou de conhecimentos específicos, mas também em opções éticas, em professores sensíveis e preocupados com os resultados do ensino. Salientam as autoras que, uma amostra que antigos conceitos em relação ao ensino universitário vêm mudando foi dada na Conferência Internacional sobre Ensino Superior – uma perspectiva docente, Paris, 1997, promovida pela Organização Sindical Internacional da Educação, onde o documento da mesma demonstra preocupações com temas educacionais não antes abordados na docência universitária.

Tais desafios têm sido requisitados e isso tem gerado uma mudança das necessidades do perfil ou das características dos professores universitários em relação a sua atuação

⁷ ANASTASIOU, Léia G. C. Construindo a docência no ensino superior: relação entre saberes pedagógicos e saberes científicos. In: ROSA & SOUSA (org.). Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

⁸ FRANCO, Maria Estela Dal Pai. Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In: MOROSINI, Marília Costa. (org). Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2. ed. Brasília: Plano, 2001.

profissional. A qualificação destes é primordial para o exercício da docência, pois, se espera deles um envolvimento mais abrangente que o de sala de aula. Além disso, é importante perceber que sua formação e atuação requerem cada vez mais, a dimensão interdisciplinar. Isso inclui uma nova visão de atuação no ensino superior que supere a visão fragmentada de exercício apenas como repassador de conhecimentos e se volte à formação de um novo tipo de profissional. O problema da formação profissional no ensino superior perpassa pelo papel do professor nesta formação e de sua formação contínua. Enquanto docente ele deve atender ao perfil profissional de seu aluno através da vivência deste em sua prática como docente, seja em termos do conhecimento que ensina, seja através das experiências ou vivências que propicia aos futuros profissionais da educação.

A docência (ato do ser professor), portanto, deve testemunhar a validade da formação que o professor está fazendo ou fez e testemunhar o perfil profissional que está formando, de forma que a formação que propicia não seja “pró- forma”. Se pudéssemos resumir quem é o professor universitário nos dias de hoje, poderíamos fazer coro com Maria Estela Dal Pai Franco ao retratar quem é este professor. Em seu artigo “Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior” ela define o professor universitário da seguinte forma:

Pode-se dizer que o professor do ensino superior trabalha em diferentes tipos de instituição, desenvolve nelas atividades que se qualificam de diferentes formas, enfrenta tensões das mais variadas, seja com os pares da mesma ou diferentes áreas, é um profissional não somente na universidade e mostra diferentes relações com o conhecimento, seja para produzi-lo ou disseminá-lo. Caracteriza-se pela diversidade, pela pluralidade de opções, caminhos, alternativas, interesses e tensões.⁹

A UNIVERSIDADE (ESCOLA)

Quando chegamos no momento de falarmos sobre a universidade vale refletirmos sobre o que fala o Professor Antonio Nóvoa¹⁰ em sua palestra sobre “Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo”.

⁹ FRANCO, Maria Estela Dal Pai. *Conhecimento social na sala de aula universitária e a auto formação docente*. In: MOROSINI, Marília Costa. (org). *Professor do ensino superior: identidade, docência e formação*. 2. ed. Brasília: Plano, 2001, p.63.

¹⁰ NÓVOA, António. *Conferência: Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade da Aprendizagem ao longo da vida*. Lisboa. 2007.

Nóvoa trabalha o conceito de escola centrada na aprendizagem, onde defende a ideia de que as escolas hoje estão “transbordando” de atividades que são colocadas como dever da escola, e isso pode ser prejudicial ao aprendizado dos alunos pois tomam tempo que poderia ser aproveitado para o aperfeiçoamento desse aprendizado. Este aprendizado deveria ser enriquecido com as ciências mais estimulantes do século XXI. A divisão de espaço público de educação e escola ajudaria em muito a implantação da escola centrada no aprendizado e isto seria muito importante para que o aluno pudesse, ao final de seu curso, ter verdadeiramente sucesso.

Olhando o conhecimento como algo em ascensão no século XXI, podemos usar as palavras de Carlos Roberto Antunes dos Santos¹¹ ao afirmar em sua palestra intitulada Universidade: Por que e como reformar?

Nesta Sociedade do Conhecimento, o conhecimento é a grande moeda de troca. Investir hoje em educação e na produção do conhecimento significa investir na soberania e no desenvolvimento do país. Hoje, indiscutivelmente, o conhecimento em ciência e tecnologia constitui o principal fator de agregação de valor ao desenvolvimento. Quem dominar a geração de tecnologia será capaz de produzir inovações de ponta, e, ao final, mais divisas, mais desenvolvimento, empregos, educação, saúde, e assim por diante.

O investimento na educação é algo de suma importância e a universidade tem um papel muito importante nesse processo.

Ainda falando sobre a universidade Nóvoa levanta a seguinte pergunta: Escola como serviço ou instituição?¹²

Se pensarmos que, por estar em ascensão, a universidade deve ser vista como um serviço corremos o risco de o contrato de prestação de serviço ser mais valioso do que a valorização do ensino. Os valores monetários vão falar mais alto do que o valor do aprendizado. Ver a universidade como uma prestadora de serviços faz com que ela perca a sua verdadeira identidade que é a formação do indivíduo para enfrentar o mundo que está a sua frente. Usando ainda as palavras de Nóvoa: “É preciso recusar todas as tendências que apontam a escola como um serviço e afirmá-la como uma instituição.”

¹¹ Carlos Roberto Antunes dos Santos é Secretário de Educação Superior (SESu-Mec) e professor titular o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Ex-reitor da UFPR e ex-presidente da ANDIFES. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/palestra16.pdf>

¹² NÓVOA, Antônio. Conferência: Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade da Aprendizagem ao longo da vida. Lisboa. 2007.

A INFLUÊNCIA DO REFORMADOR JOÃO CALVINO¹³ NA EDUCAÇÃO.

A educação em João Calvino não veio se dar apenas em meio às reformas que ele fez na Igreja cristã no século XVI. Calvino desde tenra idade, teve formação cristã, de cunho escolástico. Porém essa formação entrou em conflito com outras fontes de formação que vinha recebendo ao longo da sua vida, principalmente a acadêmica, que estava praticamente toda fundamentada no Humanismo. Sem dúvida alguma, a sua relação com a educação cristã aprofundou-se e qualificou-se quando o próprio Deus o iluminou, dando-lhe uma visão mais clara sobre o cristianismo e a educação.¹⁴

“Não há para Calvino, uma separação entre ensino, quer seja de ciência, língua e história, é o ensino religioso, porque todo o ensino visa o aperfeiçoamento do homem para a sua vocação (...)”¹⁵

Para o reformador de Genebra, desde um bom tempo, existia o sonho de criar uma academia, ideia que foi concretizada. Quando retornou de Estrasburgo para Genebra no ano de 1541, Calvino começou a procurar um terreno fora dos muros da cidade, com vista para o lago, com o propósito de construir ali a Academia de Genebra.

Em 5 de junho de 1559, na Catedral de Saint Pierre, deu-se a cerimônia de inauguração da Academia de Genebra, cerimônia que foi presidida por Calvino, na qual ele invocou a bênção de Deus sobre a instituição nascente, que foi dedicada para os estudos das ciências e da religião. “Nesse mesmo dia houve a leitura dos estatutos da escola (*Leges academiae genevensis*), preparados por Calvino, contendo as normas e qualificações do reitor, seus auxiliares, professores e os alunos”.

O reitor deveria ser piedoso, erudito, bondoso e afável, para que não fosse muito duro e rude, servindo de exemplo aos alunos. Nesses estatutos, Calvino também deu ênfase à

¹³ Francês João Calvino nasceu em 1509 em Noyon, na França. As ligações de seu pai com o clero local deram ao menino valiosas oportunidades na área educacional. Frequentou a escola primária e secundária com os sobrinhos do bispo de Noyon e outras crianças de famílias destacadas. No início da adolescência, aos catorze anos, foi estudar em Paris; cursou filosofia e humanidades no Collège de Montaigu, ligado à Universidade daquela cidade. Assim como Lutero e outros reformadores, ele defendeu a educação universal para todos os habitantes da cidade.

¹⁴ BOUSFIELD, André Augusto. A educação cristã em João Calvino numa perspectiva bíblica e confessional. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia (FLT), 2012, p. 26. [Monografia não publicada]

¹⁵ FERREIRA, Wilson Castro. Calvino: vida, influência e teologia. Campinas: Luz para o Caminho, 1985. p. 184.

disciplina dos alunos, salientando que as punições deveriam ser proporcionais às ofensas dos alunos e não deveriam ser excessivamente rigorosas.

Calvino tinha um alvo muito claro quanto à educação. Ele desejava que os alunos das escolas de Genebra fossem futuros cidadãos da cidade, bem preparados “na linguagem e nas humanidades”, além da formação cristã e bíblica. O currículo que ele ajudou a elaborar tinha ênfase nas artes e nas ciências, além, obviamente, da ênfase nas Escrituras. Conforme nos diz Moore, “O principal propósito da universidade [de Genebra] era eminentemente prático: preparar os jovens para o ministério ou para o serviço no governo.”¹⁶

A preocupação de Calvino com a educação decorria de sua visão cristã de mundo. Entre os pontos de sua teologia que o impulsionavam à missão como educador, havia a concepção do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, conforme análise de Héber Carlos de Campos.¹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este artigo respondendo à pergunta que o intitula: Profissão docente, uma opção ou um chamado?

Pensando na preocupação que tivemos em analisar o ser humano como um ser “aprendente” que foi feito a imagem e a semelhança de Deus, conforme vimos ao citar o reformador João Calvino. Vendo a definição de educação e os seus objetivos, o significado da profissão docência e a função da Universidade (escola), podemos afirmar que ser “Professor” não se trata somente de uma opção, mas de um chamado (vocação). Um dom que foi dado por Deus e que requer muito mais do que profissionalismo como em outras profissões, mas o dedicar-se de corpo e alma, pois através do contato professor-aluno pode ser formado um excelente aprendiz. Tanto profissionalmente falando, como humanamente falando.

Quando falamos da docência como um chamado podemos ter a convicção que os profissionais que assim enxergam podem ser vistos como os professores marcantes que

¹⁶ MOORE, T. M. “Some Observations Concerning the Educational Philosophy of John Calvin”, *Westminster Theological Journal* 46 (1984), 147.

¹⁷ CAMPOS, Heber Carlos. “A filosofia educacional de Calvino e a fundação da Academia de Genebra”, *Fides Reformata* 5/1 (2000).

passam pela vida de seus alunos e pelas instituições por onde trabalharam colaborando com a formação dos alunos e o crescimento da instituição.

Como toda profissão, deve-se buscar o aprimoramento para melhorar no que for necessário. A tarefa de ensinar é uma arte! E como toda arte, requer uma performance no sentido de trabalhar as nossas necessidades e potencialidades... ainda mais se pensarmos no fato de que ensinar é aceitar o desafio de ser mestre.

Ao meditarmos sobre o texto em Bíblico Romanos:

“Tendo, porém, diferentes **dons segundo a graça que nos foi dada**: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; **ou o que ensina esmere-se no fazê-lo**; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria”¹⁸

Percebemos assim, a necessidade de preparo e seriedade para ensinar... nesse sentido, faz-se necessário que entendamos a importância da Escola e suas características, bem como o perfil do professor e como este deve fazer para desenvolver o ensino com arte.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léia G. C. **Construindo a docência no ensino superior**: relação entre saberes pedagógicos e saberes científicos. In: ROSA & SOUSA (org.). **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ed. Moderna. 1989. p.49

BOUSFIELD, André Augusto. **A educação cristã em João Calvino numa perspectiva bíblica e confessional**. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia (FLT), 2012, p. 26. [Monografia não publicada]

CAMPOS, Heber Carlos. “**A filosofia educacional de Calvino e a fundação da Academia de Genebra**”, Fides Reformata 5/1 ,2000.

FERREIRA, Wilson Castro. **Calvino**: vida, influência e teologia. Campinas: Luz para o Caminho, 1985. p. 184.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai. **Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior**. In: MOROSINI, Marília Costa. (org). Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2. ed. Brasília: Plano, 2001.

¹⁸ ROMANOS: In: A Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada no Brasil. 2ª Edição. Barueri – SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai. **Conhecimento social na sala de aula universitária e a auto formação docente.** p. 63 In: MOROSINI, Marília Costa. (org). Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2. ed. Brasília: Plano, 2001.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 48

GARCIA, Francisco Luiz. **Introdução Crítica ao Conhecimento.** Ed. Papirus, Campinas. 1988. 1ª edição. p. 18

MIZUKAMI, M. G. N. **Aprendizagem da docência:** algumas contribuições de L.S.Shulman. Educação, Santa Maria, v. 29, n. n 02, p. 33-49, 2004.

MOORE, T. M. “**Some Observations Concerning the Educational Philosophy of John Calvin**”, Westminster Theological Journal 46 (1984), 147.

NÓVOA, Antônio. **Conferência:** Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade da Aprendizagem ao longo da vida. Lisboa. 2007.

ROMANOS. **A Bíblia Sagrada.** Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e atualizada no Brasil. 2ª Edição. Barueri – SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Secretário de Educação Superior (SESu-Mec) e professor titular o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Ex-reitor da UFPR e ex-presidente da ANDIFES. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/palestra16.pdf>